

Magazine

Goânia, 14 de abril de 2013

DOMINGO



Dennis Melo

“Essa minha história com a escrita é estranha. Em casa, ninguém gosta de literatura”
Wesley Peres

Literatura

OS BONS COMPANHEIROS

Novos livros de André de Leones e Wesley Peres mostram que essa dupla de jovens autores goianos veio para deixar suas marcas

Rogério Borges

“Escrevo porque a vida é um inferno. Isso significa que a vida é ruim? Não é isso. O que é o inferno é que a vida é uma constante subtração do corpo e, por meio da linguagem, retroativamente, o saber da morte pesa sobre nós. Isso é uma enorme violência.” Ficou chocado? Bom. Wesley Peres, autor da frase, como bom escritor que é, ficaria feliz em saber disso. Chocar é papel da literatura, já que o choque incomoda e desacomoda.

“Estudo e trabalho. Estudar é ler. Trabalhar é escrever. Ambos são muito prazerosos e, mantendo-se a disciplina e o foco, a técnica é aprimorada sem dificuldades. Inspiração para mim tem a ver com disposição.” Ficou um tantinho desiludido por esta visão menos idealizada do ato de escrever? Ótimo. André de Leones, dono desta opinião, sabe da dureza de ser escritor e não deseja enganar ninguém.

Eles estão com livros novos no mercado, publicados por um grande selo nacional, a Editora Rocco, reforçando que os dois não vieram fazer literatura por dilematismo. A qualidade das obras, que já têm colecionado elogios da crítica, mostra que há em *Terra de Casas Vazias* (de André de Leones) e *As Pequenas Mortes* (de Wesley Peres) um dedicado e complexo trabalho de construção narrativa, de personagens densos e de um diálogo com outras áreas de conhecimento.

As caminhadas pela literatura que fizeram os goianos André, aos 31 anos, e Wesley, aos 37, os firmaram como dois nomes que chamam a atenção na literatura brasileira atual, algo que pode ser explicado também pela lucidez como enca-

ram este ofício muitas vezes complicado e de recompensas incertas. Ambos, porém, investem nele, ainda que André seja jornalista, atualmente morando em São Paulo, e Wesley leve em paralelo a carreira de psicanalista, mantendo um consultório em Catalão.

INÍCIO

“Essa minha história com a escrita é estranha. Em casa, ninguém gosta de literatura”, revela Wesley. “Comecei a ler literatura com 14 anos. Li tudo o que encontrei de Nelson Rodrigues. *Asfalto Selvagem* (*Engarrafada*) foi o primeiro. Li duas vezes, mas não estava interessado em literatura. Li porque falava de sexo.”

André também passou a se interessar por literatura na adolescência. “Rascunhei uns poemas horrendos a partir dos 14 anos. Os primeiros contos, também horríveis, surgiram um pouco mais tarde, aos 16 anos.” Depois disso não pararam mais, acumulando experiências, influências e leituras para se fazerem escritores. “Eu leio escrevendo. As bordas dos livros que leio são uma rabiscaria só. Os livros que tenho não terão nenhum valor econômico como herança”, avverte Wesley.

André, leitor ávido, elige a obra *O Arco-Íris da Grandeza*, de Thomas Pynchon, como fundamental em sua formação. “Quando a li, trabalhava no meu livro *Hoje Está Um Dia Morto* e a escrita tinha travado. Pynchon me mostrou que, desde que haja consequência, é possível fazê-lo que bem entender na literatura”, argumenta. “O que importa é ser consequente. Experimentar por experimental leva à gratuidade e a gratuidade explicita a pior característica que um escritor po-

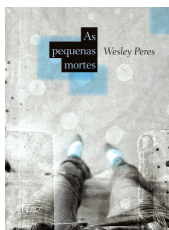
der: a ignorância”, acrescenta André. Wesley recomenda a leitura de *A Rainha dos Cárceres de Grécia*, de Osman Lins, como um texto que pode ajudar a ensinar a escrever. “É um livro de metalinguagem descaçada e maravilhosa, belíssimo.” Em sua prateleira também estão Samuel Beckett, Guimarães Rosa, Jorge de Lima, Raul Nasser, Dostoiévski, Clarice Lispector...

Boas companhias que podem despertar vocações. “A grande mutação de minha relação com a literatura aconteceu aos 17 anos. Fui pesquisar alguma coisa pro colégio naquela biblioteca da Praça Universitária, me deparei com uma edição muito bonita de *Dom Quixote*, comecei a ler e surtei. Li durante 4 horas seguidas. Li todo o Quixote em 5 dias”, recorda Wesley. “Ali aprendi que era possível violentar o mundo, mimetizando-o no sentido dese apropriar de elementos dele torná-lo outro.”

Para André, a escrita faz parte de sua existência. “É a minha profissão. Escrever é algo que ajuda a definir a minha identidade. Não vejo como vício, missão, maldição ou bênção. Talvez como vocação, mas não me apetece a aceção religiosa-institucionalizada da palavra. Cada livro que termino é um sonho realizado. Após anos trabalhando numa história, vê-la pronta é uma alegria.”

Livro: Terra de Casas Vazias
Autor: André de Leones
Páginas: 320
Preço: R\$ 34,50
Editora: Rocco

Livro: As Pequenas Mortes
Autor: Wesley Peres
Páginas: 120
Preço: R\$ 23,50
Editora: Rocco



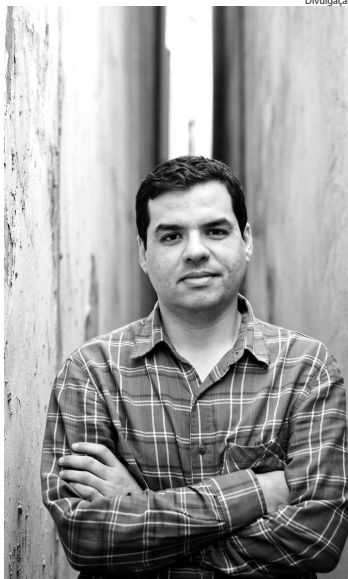
PERFIS

André de Leones

O escritor nasceu em Goiânia em 1980 e passou boa parte de sua infância em Silvânia. Voltou a residir na capital goiana para estudar Jornalismo na UFG. Em 2005, ganhou o Prêmio Sesc de Literatura pelo livro *Hoje Está Um Dia Morto*. Há poucos anos mudou-se para São Paulo por conta de sua carreira na literatura. Tem 5 livros publicados.

Wesley Peres

O autor tem 37 anos e é natural de Goiânia, onde estudou. Psicanalista, com doutorado na área na Universidade de Brasília (UnB), atualmente mora em Catalão, onde exerce a profissão. Em 2006, ganhou o Prêmio Sesc de Literatura com o livro *Casa Entre Vértices*, obra que foi finalista do Prêmio Portugal Telecom. Também participa do grupo de escritores da revista de poesia e arte *Mallamargens* (www.mallamargens.com.br).



Divulgação



“O que importa é ser consequente. Experimentar por experimental leva à gratuidade e a gratuidade explicita a pior característica que um escritor pode ter: a ignorância”

André de Leones

Jerusalém e morte

Wesley Peres e André de Leones são amigos, têm trajetórias que se encontraram várias vezes e foram vistos como promessas da literatura nacional. Isso era algum tempo atrás. Agora viraram realidades que se consolidam no disputado cenário dos autores emergentes, terreno cheio de confrarias.

Seus mais recentes livros demonstram que eles não vieram fazer figuração. As obras vêm somando uma produção já sólida. “Estou mais confiante, mais compassado e, creio, mais compassivo”, define-se André ao falar de *Terra de Casas Vazias*, se passa em vários lugares, do entorno de Brasília a Jerusalém. Parte do livro foi escrita na Terra Santa, onde o autor passou uma temporada, e tem forte influência do israelense Amos Oz. “Os primeiros livros eram mais violentos e essa violência

era adequada às histórias que eu desenvolvia. As narrativas mais recentes trafegam por outras vias, são menos ruidosas.”

Wesley Peres, em *As Pequenas Mortes*, promove uma junção entre seus dois campos de predileção, a literatura e a psicanálise, falando do temor e do fascínio que a morte exerce sobre todos nós. Parte do texto integrava a tese de doutorado que o escritor defendeu na Universidade de Brasília. “A psicanálise me interessa, também, como literatura, como se fosse um gênero literário único”, observa o escritor.

Criteriosos no trabalho que fazem, Wesley e André estão conseguindo destacar-se no oceano de autores emergentes que almejam um lugar ao sol, tarefa das mais ingratas e em que muita gente fracassa.

As duras caminhadas

Muitos pontos unem a trajetória de André de Leones e Wesley Peres. Ambos foram agraciados com o Prêmio Sesc de Literatura, um dos mais importantes para descobrir novos talentos. Wesley ganhou o de 2006 com *Casa Entre Vértices*. André de Leones ganhou o do ano anterior, 2005, com o romance *Hoje Está Um Dia Morto*.

“Não pensei que tivesse chances de ganhar e ruítei em participar”, conta André. “Mostrei o livro *Hoje Está Um Dia Morto* e não sabia o que fazer com ele. Mostrei ao escritor Aldair Mendes, já falecido. Ele se entusiasmou, pegou os originais, fez as cópias e pediu a um amigo em comum que fizesse a

inscrição. Esta, aliás, foi feita na última hora, literalmente.” Tanto para ele quanto para Wesley, vencer o concurso levou os livros premiados ao catálogo da Editora Record, abrindo espaço importante para os dois em uma seara muito competitiva e cujo funil é estreitíssimo.

A partir daí, André publicou mais um título pela Record (*Paz na Terra Entre os Monstros*) e outros três pela Rocco (*Dentes Negros*, *Como Desaparecer Completamente* e este último, *Terra de Casas Vazias*). Já Wesley estreia Rocco após publicar três volumes de poesia, um pela Editora da UFG (*Palimpsestos*) e um pelas editoras da USP e Com-Arte (*Rio Revoando*) e um

porter ganhou o Prêmio Cora Coralina (*Água Anônima*).

A vida de escritor ficou mais fácil para os dois? “Eu vivo do meu consultório de psicanálise. Somos um país de não leitores. Pouquíssima gente vive de literatura no Brasil. O André é um deles porque é muito ousado”, diz Wesley. “Ele colocou a face entre os dentes e disse: vou viver de literatura no Brasil nem que seja na porrada *friso*.”

“Cada autor só descobre o próprio caminho quando se põe a caminhar. Alguns se perdem, outros ficam pela estrada, desistem, voltam atrás, recomeçam”, pondera André.

LEIA MAIS NA PÁGINA 3